

Identidade de Gênero e Psicologia do Envelhecimento Transexual Brasileira: Revisão Integrativa

Gender Identity and the Psychology of Brazilian Transsexual Aging: Integrative Review

Identidad de género y psicología del envejecimiento transexual brasileño: Revisión Integradora

*Daniel Avancini Sobreira(1); Amanda Lopes Ribeiro da Costa(2);
Mariana Rambaldi do Nascimento(3)*

1 Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC.

E-mail: dasobreira@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7817-9667>

2 Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC.

E-mail: amandalopes_14@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5078-7736>

3 Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC.

E-mail: marianarambaldi@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2699-8449>

Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 17, n. 1, p. 98-117, janeiro-junho, 2025 - ISSN 2175-5027

[Submetido: 7 out. 2024; Revisão1: 6 dez 2024; Revisão2: 3 out. 2025; Aceito: 27 nov. 2025; Publicado: 16 set. 2026]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2025.v17i1.5105>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editor: Jean Von Hohendorff

Resumo

O envelhecimento da população transexual brasileira é uma questão emergente que levanta preocupações significativas em relação à saúde e ao bem-estar dessas pessoas. À medida que essa população envelhece, enfrenta uma série de desafios, incluindo a invisibilidade, a marginalização e o preconceito, que impactam negativamente sua qualidade de vida. Este estudo realiza uma revisão integrativa nas bases de dados SciELO, PubMed, Elsevier, LILACS, EBSCO e Google Acadêmico, resultando na seleção de quatro trabalhos relevantes sobre o tema. Os achados evidenciam que as identidades de gênero diversas impõem obstáculos significativos, como a exclusão social e barreiras no acesso a serviços de saúde, agravadas pela discriminação e pela falta de conscientização sobre suas experiências. A análise revela que a solidão e o estigma internalizado são comuns, afetando tanto a saúde física quanto mental desses indivíduos. Conclui-se que é urgente reformular políticas públicas e serviços de saúde para incluir questões de gênero no contexto do envelhecimento LGBTQIA+, destacando a necessidade de mais pesquisas qualitativas e longitudinais que explorem as vivências dessa população, visando desenvolver intervenções adequadas e eficazes que promovam sua inclusão e bem-estar.

Palavras-chaves: Identidade de gênero; Saúde Mental; Transfobia; Transexualidade; Envelhecimento.

Abstract

The aging of the Brazilian transgender population is an emerging issue that raises significant concerns regarding the health and well-being of these individuals. As this population ages, they face a series of challenges, including invisibility, marginalization, and prejudice, which negatively impact their quality of life. This study conducts an integrative review across the SciELO, PubMed, Elsevier, LILACS, EBSCO, and Google Scholar databases, resulting in the selection of four relevant works on the subject. The findings highlight that diverse gender identities impose significant obstacles, such as social exclusion and barriers to accessing healthcare services, exacerbated by discrimination and a lack of awareness about their experiences. The analysis reveals that loneliness and internalized stigma are common, affecting both the physical and mental health of these individuals. It concludes that it is urgent to reformulate public policies and healthcare services to include gender issues in the context of LGBTQIA+ aging, emphasizing the need for more qualitative and longitudinal research to explore this population's experiences, aiming to develop appropriate and effective interventions that promote their inclusion and well-being.

Keywords: Gender Identity; Mental Health; Transphobia; Transsexuality; Aging.

Resumen

El envejecimiento de la población transexual brasileña es una cuestión emergente que plantea preocupaciones significativas en relación con la salud y el bienestar de estas personas. A medida que esta población envejece, enfrenta una serie de desafíos, incluyendo la invisibilidad, la marginación y los prejuicios, que afectan negativamente su calidad de vida. Este estudio realiza una revisión integrativa en las bases de datos SciELO, PubMed, Elsevier, LILACS, EBSCO y Google Académico, resultando en la selección de cuatro trabajos relevantes sobre el tema. Los hallazgos evidencian que las identidades de género diversas imponen obstáculos significativos, como la exclusión social y las barreras en el acceso a los servicios de salud, agravadas por la discriminación y la falta de concienciación sobre sus experiencias. El análisis revela que la soledad y el estigma internalizado son comunes, afectando tanto la salud física

como mental de estos individuos. Se concluye que es urgente reformular las políticas públicas y los servicios de salud para incluir cuestiones de género en el contexto del envejecimiento LGBTQIA+, destacando la necesidad de más investigaciones cualitativas y longitudinales que exploren las vivencias de esta población, con el objetivo de desarrollar intervenciones adecuadas y eficaces que promuevan su inclusión y bienestar.

Palabras clave: identidad de género; salud mental; Transfobia; Transexualidad; envejecimiento.

Introdução

O envelhecimento é um processo multifacetado, que abrange aspectos biológicos, psicológicos e sociais, sendo influenciado por condições de vida, acesso a cuidados e suporte emocional (Papalia, 2021). Na população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, entre outros), esse processo pode ser desafiador, devido ao estigma, preconceito, exclusão social e limitações no acesso a serviços de saúde de qualidade (Salgado et al., 2017). Pesquisas indicam que indivíduos LGBTQIA+ enfrentam maior vulnerabilidade a problemas de saúde mental, solidão e isolamento na velhice, comparados à população heterossexual e cisgênera, principalmente para aqueles cujas identidades de gênero divergem das normas cisgêneras tradicionais (Goldsen et al., 2014; King et al., 2018). Além disso, a ausência de preparo dos sistemas de saúde e das instituições de cuidados prolongados para atender às demandas específicas dessa população intensifica sua vulnerabilidade, contribuindo para o agravamento das condições de saúde mental, o aumento do isolamento social e a perpetuação da exclusão (Barrett et al., 2015; Paiva et al., 2023).

O impacto da diversidade de identidade de gênero no processo de envelhecimento tem sido subestimado em muitas pesquisas, o que reforça a invisibilidade da população trans nos estudos e na sociedade (Salgado et al., 2017). Para muitas pessoas transgêneras, o envelhecimento exacerba dificuldades preexistentes, como rejeição social, solidão e insuficiência de recursos de saúde apropriados às suas necessidades (Witten, 2014). Embora haja um crescente interesse em estudar o envelhecimento na população LGBTQIA+, ainda há lacunas significativas no entendimento de como esses indivíduos experienciam o envelhecimento, especialmente no que se refere à saúde mental, qualidade de vida, ao papel das redes de suporte social, a falta de políticas públicas e serviços de saúde (King et al., 2018).

Cabe destacar que a maior parte dos estudos sobre envelhecimento LGBTQIA+ concentra-se na população de homens gays cisgêneros, o que resulta na negligência das experiências de outros subgrupos, como lésbicas, bissexuais, pessoas trans e não binárias (Goldsen et al., 2014). Essa invisibilidade, em especial no que diz respeito às pessoas trans, limita significativamente a elaboração de estratégias eficazes voltadas à redução do isolamento social e ao enfrentamento da discriminação que essa população vivencia no processo de envelhecimento (Barrett et al., 2015).

Portanto, esta revisão integrativa tem como objetivo identificar e analisar as lacunas e especificidades presentes na psicologia do envelhecimento entre pessoas com identidades de gênero diversas, com ênfase nas experiências de indivíduos transexuais. Parte-se da hipótese de que identidades de gênero não conformes com a heterocisnormatividade, como pessoas transgênero, não binárias e agênero, enfrentam desafios psicológicos mais complexos no processo de envelhecimento em comparação a indivíduos LGBTQIA+ cisgêneros.

Método

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa (Souza, Silva & Carvalho, 2010) da literatura de caráter exploratório, método que permite a combinação de dados da bibliografia empírica e teórica direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos consultados. As buscas foram conduzidas por dois dos autores de forma independente, e, posteriormente, os resultados foram avaliados por um terceiro autor, que atuou como juiz, a fim de garantir maior rigor metodológico, confiabilidade e consenso na seleção dos estudos.

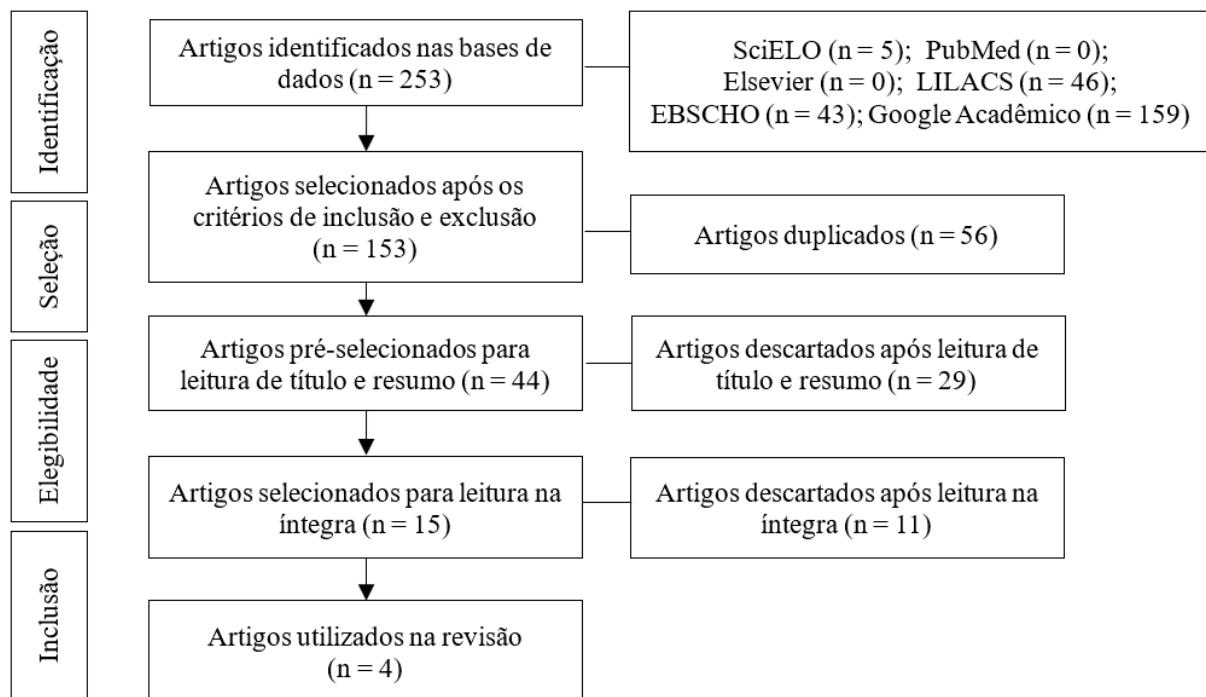
As bases de dados eletrônicas selecionadas foram SciELO, PubMed, Elsevier, LILACS, EBSCO e Google Acadêmico, escolhidas por sua relevância no contexto científico brasileiro e internacional, bem como pela ampla cobertura de estudos em psicologia, saúde e ciências sociais aplicadas. O uso dessas plataformas também se justifica pela disponibilidade de produções nacionais que dialogam diretamente com a realidade brasileira, aspecto central no objetivo desta revisão. Empregaram-se os seguintes descritores combinados por operadores booleanos: (Envelhecimento OR Velhice OR Idoso) AND (Transsexuais OR LGBTQIA+ OR Travestis) AND Psicologia AND Brasil.

Para a seleção dos estudos, foram considerados os critérios de inclusão: (1) estudos publicados em português e inglês; (2) publicações entre 2014 e 2024; (3) disponíveis gratuitamente na íntegra; (4) estudos que abordem explicitamente a psicologia do envelhecimento em relação a pessoas com identidades de gênero diversas, especialmente focando em experiências de pessoas transexuais e não-binárias; (5) publicações que utilizem métodos qualitativos ou quantitativos adequados para explorar a temática; (6) estudos realizados no Brasil; e (7) população travesti. A inclusão da população travesti como critério de inclusão é fundamental neste trabalho, pois as travestis, que possuem identidades de gênero distintas e frequentemente enfrentam discriminação e marginalização, compartilham desafios específicos no processo de envelhecimento que merecem ser investigados e abordados junto às experiências da população trans.

Os critérios de exclusão foram: (1) estudos duplicados; (2) que não trouxessem enfoque no tema ou que não respondessem à hipótese e questão norteadora; (3) estudos que não abordassem a população transexual ou travesti; (4) artigos que não apresentassem dados empíricos ou que fossem meramente opinativos; (5) publicações que não considerassem o contexto sociocultural das identidades de gênero; e (6) estudos que abordassem exclusivamente a experiência de indivíduos cisgêneros ou que não contemplassem o envelhecimento como um processo dinâmico e multifacetado.

O percurso metodológico foi fundamentado em seis etapas (1) Identificação do tema e seleção da questão norteadora; (2) Definição dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos; (3) Definição e categorização dos dados; (4) Avaliação dos dados; (5) Análise dos resultados e (6) Explicação dos conhecimentos. A etapa de Definição e Categorização dos Dados incluiu a triagem inicial por ano e idioma, seguida pela leitura de títulos e resumos. Os artigos que atenderam aos critérios foram analisados integralmente pelos autores e validados em consenso. O fluxograma apresentado na Figura 1 ilustra as etapas do processo metodológico da revisão.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos artigos



Limitações do estudo

As limitações do presente estudo são notórias, especialmente no que se refere à escassez de pesquisas direcionadas à população de pessoas trans idosas, o que compromete a possibilidade de generalização dos achados. Tal lacuna de representatividade está relacionada a fatores estruturais e sociais, entre os quais se destacam os elevados índices de violência letal contra pessoas trans no Brasil, bem

como as taxas expressivas de suicídio, fenômenos fortemente associados ao preconceito e à discriminação sistemática vivenciados por essa população (Benevides, 2025). Além disso, outra limitação apontada é a existência de uma tendência preocupante de foco excessivo em determinadas faixas etárias, frequentemente negligenciando as vivências e desafios enfrentados por indivíduos trans e não-binários ao longo de todo o processo de envelhecimento. A escassez de estudos longitudinais que investiguem o impacto do envelhecimento nas identidades de gênero não-binárias e trans é uma limitação significativa, pois tais estudos são fundamentais para compreender as nuances e as dinâmicas de mudança que ocorrem ao longo do tempo.

Ademais, a maioria das pesquisas se concentra na experiência de homens gays idosos, o que pode levar a uma visão distorcida da realidade da população LGBTQIA+ como um todo. Alguns estudos abordam a comunidade LGBTQIA+ de forma geral, mas não apresentam dados desagregados que possam iluminar as especificidades e as necessidades da população trans e não-binária. A falta de estudos brasileiros sobre o tema representa uma lacuna significativa, pois a realidade social e cultural do Brasil pode trazer desafios únicos que precisam ser explorados.

Resultados

Para a análise dos dados desta revisão, foi elaborado um quadro sinóptico (Quadro 1), no qual são organizadas e sintetizadas as variáveis mais relevantes para responder à questão norteadora do estudo: Quais são as lacunas e especificidades identificadas na literatura científica sobre o processo de envelhecimento de pessoas com identidades de gênero diversas, em especial transexuais, no que se refere aos desafios psicológicos vivenciados em comparação a indivíduos LGBTQIA+ cisgêneros? Esse quadro permite uma visualização clara e objetiva das informações, facilitando a comparação entre os estudos revisados e destacando os principais pontos de convergência e divergência entre eles, além de oferecer uma base sólida para a discussão dos resultados.

Quadro 1. Resultados encontrados

Autor, Ano	Amostra // Local	Resultados
Camargo, 2019	04 Travestis // Rio Grande do Sul, Brasil	Os achados evidenciam a escassez de pessoas idosas trans na sociedade, principalmente no Brasil, fenômeno frequentemente associado aos altos índices de violência e discriminação vivenciados ao longo de suas trajetórias. As entrevistas realizadas revelam percursos marcados pela resiliência e pela elaboração de estratégias de enfrentamento frente às constantes situações de exclusão social. No caso das travestis participantes, o processo de envelhecimento é profundamente influenciado por tais experiências, podendo assumir dimensões positivas ou negativas, a depender das formas de resistência e adaptação desenvolvidas. Os relatos apontam para uma vivência permeada pela luta cotidiana e pela busca de autodescoberta, em constante oposição a heterocisnormativas. O preconceito, a violência e, em determinados contextos históricos, a repressão policial e militar constituíram instrumentos de exclusão direcionados à eliminação dos corpos considerados “anormais”. Essas opressões estiveram ainda entrelaçadas a outros marcadores sociais, como classe e cor/raça, produzindo formas específicas e interseccionais de marginalização. Outro aspecto relevante identificado refere-se ao impacto da epidemia de HIV/AIDS nas trajetórias dessas mulheres, associado diretamente com o estigma da “peste gay”, atribuição que reforçou práticas discriminatórias e ampliou a exclusão social. Esses elementos contribuíram para moldar distintas formas de vivenciar a velhice. Enquanto algumas participantes permanecem engajadas politicamente e atuam como ativistas, outras optaram por estilos de vida mais introspectivos, pautados pela tranquilidade e pelo recolhimento. Também foram relatadas experiências de sociabilidade em bares e festas, bem como a busca por vivências que ressignificam o envelhecimento, de modo a alinhar essa etapa da vida a seus desejos e expectativas individuais. Apesar das marcas deixadas pela exclusão familiar e social, muitas participantes relatam que continuam a lutar por dignidade e pertencimento. Tal resistência é sustentada pelos mecanismos de adaptação e enfrentamento desenvolvidos ao longo da vida, que se configuram como recursos fundamentais na construção de identidades resilientes diante da violência estrutural.

Autor, Ano	Amostra // Local	Resultados
Corrêa, 2024	04 mulheres transexuais e travestis // Sorocaba-SP, Brasil	As narrativas das participantes evidenciam uma trajetória marcada por desafios desde a infância, com a autopercepção feminina, em um contexto que não apenas as categorizava de forma estigmatizada, mas também negava sua existência. As experiências de preconceito e homofobia emergem de maneira recorrente, variando em intensidade nos âmbitos familiar e escolar, revelando-se como elementos estruturantes de processos de exclusão social. A transição de gênero configura-se como um momento crítico, frequentemente acompanhado de abandono familiar e da necessidade de migração. Nesse percurso, a prostituição surge não apenas como recurso de subsistência, mas também como espaço de sociabilidade, desempenhando papel central na construção da subjetividade dessas mulheres. No entanto, esse mesmo contexto também reforça ciclos de violência, medo e silenciamento, somados a obstáculos relacionados à inclusão social, ao acesso ao trabalho, às experiências afetivas e ao próprio processo de envelhecimento. O envelhecimento emerge como uma fonte significativa de ansiedade. As participantes descrevem medos relacionados à perda de características femininas, ao isolamento emocional e ao desgaste físico, que se somam à ausência de afeto e à percepção do corpo marcado por batalhas históricas por reconhecimento e melhores oportunidades. Esse processo é simbolizado pelas marcas do tempo: a pele endurecida, os cabelos rarefeitos, as cicatrizes das intervenções corporais, os efeitos da automedicação hormonal e do uso clandestino de silicone industrial, além da pressão contínua para manter uma aparência feminina socialmente legitimada. O envelhecimento, nesse contexto, exige coragem. Para essas mulheres, envelhecer significa não apenas enfrentar os efeitos físicos do tempo, mas também resistir à contestação e à deslegitimação constantes de sua identidade, seja pela sociedade heterocisnormativa, seja, em alguns casos, por gerações mais jovens de pessoas trans que, de modo pejorativo, desqualificam suas histórias de luta e os corpos marcados por décadas de resistência. Assim, a velhice é vivida como uma experiência ambivalente: ao mesmo tempo dolorosa, em razão das cicatrizes e perdas acumuladas, e profundamente corajosa, por traduzir a persistência em existir em contextos de permanente exclusão.

Autor, Ano	Amostra // Local	Resultados
Gomes et al., 2024	20 mulheres transexuais // Brasil	Os relatos das participantes evidenciam a ausência de políticas públicas efetivas direcionadas à população transgênero idosa, o que contribui para a manutenção de sua invisibilidade social. Essa lacuna se expressa nos obstáculos ao acesso a direitos fundamentais, especialmente no que se refere à inserção no sistema de saúde e no mercado de trabalho, resultando em processos recorrentes de marginalização e, em muitos casos, na migração para o trabalho sexual como forma de subsistência. No contexto social brasileiro, caracterizado por elevados índices de transfobia, alcançar a velhice é frequentemente descrito como uma conquista. As narrativas apontam para trajetórias marcadas pela violência, pelo preconceito e pela ausência de apoio tanto familiar quanto institucional, fatores que produzem sentimentos de solidão e abandono. Ainda assim, algumas participantes atribuem ao envelhecimento sentidos positivos, como a liberdade e a possibilidade de reconstrução identitária. De forma geral, as representações sociais sobre a velhice trans, identificadas no estudo, mostram-se predominantemente negativas, refletindo experiências de exclusão, violência e discriminação. Esses fatores estão diretamente relacionados à baixa expectativa de vida da população trans no Brasil e à escassez de mulheres trans idosas, o que dificultou, inclusive, a própria realização da pesquisa. As repercussões da transexualidade sobre a saúde mental e física são notórias, sobretudo em função do abandono social e familiar. Assim, a análise permite compreender que mulheres trans de meia-idade e idosas enfrentam múltiplas vulnerabilidades, decorrentes tanto do envelhecimento, já marcado por estigmas, quanto da condição trans, que intensifica os processos de exclusão. O estudo confirma que a velhice trans permanece praticamente invisível na sociedade, reforçando a necessidade de desconstrução de estigmas e de construção de políticas públicas que assegurem condições dignas de envelhecer.

Autor, Ano	Amostra // Local	Resultados
Sabatine, 2017	31 Travestis // Marília-SP, Brasil	As narrativas das participantes revelam trajetórias marcadas por lutas contínuas contra estigmas, preconceitos, marginalização e, em muitos casos, pela prostituição como meio de subsistência. Um dos elementos centrais emergentes nos relatos é o conflito persistente entre a identidade feminina e as características corporais socialmente atribuídas ao masculino, constituindo uma ambivalência e ambiguidade que atravessam toda a vida dessas mulheres e que não se resolvem necessariamente no processo de envelhecimento, uma vez que surgem preocupações em relação à perda de características femininas, fenômeno intensificado pela degradação da saúde, pelas dificuldades econômicas, pela ausência de amparo estatal e pelo peso de normas religiosas e morais excludentes. Tais fatores produzem processos de “desconstrução da feminilidade travesti”, vividos de forma dolorosa e acompanhados por sentimentos de vergonha e estigmatização. Os relatos também destacam experiências de enfrentamento diante de condições sociais e de saúde adversas, especialmente no contexto da epidemia de HIV/AIDS, somadas a situações de exclusão que incluem a vivência em situação de rua e o uso de substâncias psicoativas. Nesses percursos, o corpo é frequentemente objeto de modificação, que funciona como recurso simbólico e prático na construção da feminilidade, ainda que acompanhadas de riscos à saúde. O envelhecimento é representado, de forma ambivalente, como um período de perdas e reconstruções, sem delimitações geracionais claras, mas profundamente atravessado por experiências de exclusão social, emocional e física. Apesar de possuírem saberes e habilidades singulares adquiridos ao longo da vida, as participantes relatam a negação de sua dignidade e valor pela sociedade, reforçando a percepção de que viver até a velhice, em si, constitui uma conquista em um contexto de violência estrutural. Essas experiências revelam que o envelhecimento de travestis e mulheres trans é permeado por constrangimentos produzidos pelas injunções de poder e pelos riscos constantes de exclusão. Nesse cenário, o envelhecer configura-se como um exercício agonístico: uma luta permanente consigo mesmas e com a ordem social, na qual a sobrevivência implica tanto em resistir quanto em produzir novas formas de subjetividade. Dessa forma, os limites da existência e as potencialidades da continuidade da vida são continuamente explorados e ressignificados, constituindo o envelhecimento como um espaço simultaneamente de vulnerabilidade e de resistência.

Discussão

Indivíduos trans são diversos em termos da sua identidade e expressão de gênero, orientação sexual e características sociodemográficas (Adelman et al, 2003). Entretanto, observa-se que, na maior parte das pesquisas, essa população é frequentemente incluída de forma indistinta no escopo mais amplo da sigla LGBTQIA+. Essa prática metodológica dificulta a análise das especificidades que diferenciam pessoas transgênero de outros subgrupos, sobretudo no que diz respeito a aspectos sociodemográficos, acesso e barreiras ao sistema de saúde, experiências de vitimização e disponibilidade de suporte social (Gomes et al., 2024).

A análise dos achados sobre o envelhecimento de pessoas transgêneras e não-binárias revela um quadro complexo de exclusão social e marginalização, que se diferencia significativamente das experiências de outras identidades LGBTQIA+ durante essa fase da vida. Gomes et al. (2024) destaca que, para mulheres trans, o envelhecimento é frequentemente associado a uma série de dificuldades, como a perda de acesso ao sistema de saúde, exclusão do mercado de trabalho e a migração para atividades marginalizadas, como o trabalho sexual. Em contraste, idosos LGB (Lésbicas, Gays e Bissexuais), embora também enfrentem preconceito, relatam índices mais baixos de marginalização e exclusão em comparação com seus pares transgêneros, como observado por Corrêa et al. (2024).

Um aspecto crucial que emerge da análise comparativa entre as diferentes identidades LGBTQIA+ é o impacto da invisibilidade social das pessoas trans e não-binárias, o que impacta e contribui para com o isolamento ao envelhecer (Salgado et al., 2017). Gomes et al. (2024) apontam que os idosos transgêneros tendem a enfrentar níveis mais elevados de estigma internalizado, vitimização e ocultação da identidade de gênero em relação aos idosos LGB - não transgêneros, apesar de haver algumas similaridades entre os dois grupos. Essa disparidade é, em grande parte, decorrente da persistência de preconceitos mais acentuados contra pessoas trans, o que corrobora com a tese de que o envelhecimento para essas populações se dá em um cenário de vulnerabilidade acentuada (Salgado et al., 2017).

Conforme observado pelos estudos de Camargo (2019), Gomes et al. (2024), Sabatine (2017) e Corrêa (2024), o estigma internalizado está ligado a um aumento no risco de problemas de saúde, comorbidade e mortalidade, o que gera um impacto considerável tanto na saúde física quanto mental das pessoas pertencentes a minorias sociais. A percepção de discriminação e as experiências de vitimização vividas por esses indivíduos contribuem significativamente para o sofrimento emocional e físico, aumentando a probabilidade de desenvolvimento de graves transtornos psiquiátricos, como a depressão (Costa et al., 2020). Assim, situações de preconceito e discriminação acabam por expor essa população a um maior risco de adoecimento, além de contribuir

para com a falta de apoio social e de pertencimento à comunidade LGBTQIA+ (Costa et al., 2023).

A exclusão social e o isolamento vividos por pessoas trans e não-binárias ao envelhecer têm implicações diretas para sua saúde física e mental (Costa et al., 2023). De acordo com Sabatine (2017), tanto a população trans quanto as pessoas não binárias apresentam taxas significativamente mais elevadas de condições de saúde adversas, como obesidade e sedentarismo, bem como níveis superiores de depressão e estresse percebido, quando comparadas à população em geral. Esses dados indicam que a marginalização social afeta não apenas o bem-estar emocional, mas também contribui para o agravamento de condições físicas, muitas vezes resultantes do abandono familiar e da precariedade no acesso a serviços de saúde. O isolamento dessas pessoas, em especial as mais velhas, é uma questão que necessita de atenção nas políticas públicas de saúde e inclusão, como defendido por Camargo (2019), que salienta a urgência de criar ambientes mais acolhedores e sensíveis às necessidades específicas dessas populações.

No que tange ao fenômeno da invisibilidade trans, os estudos dos autores Gomes et al. (2024), Corrêa (2024), Camargo (2019) e Sabatine (2017) sugerem que constitui um desafio significativo que afeta diversas áreas da vida dessa população, especialmente no acesso a direitos fundamentais, como serviços de saúde e oportunidades no mercado de trabalho. Essa exclusão sistêmica e social muitas vezes empurra indivíduos trans para a marginalização, o que inclui a busca por subsistência em atividades informais e de alto risco, como o trabalho sexual. Adicionalmente, o abandono familiar e a carência de suporte social intensificam o cenário de vulnerabilidade e marginalização, tornando a exclusão dessa população ainda mais evidente e impactante. Esse quadro é agravado pela insuficiência de políticas inclusivas e pela persistência do preconceito, fatores que ampliam a condição de vulnerabilidade tanto no âmbito social quanto no econômico.

Ainda que a invisibilidade e a marginalização sejam aspectos centrais na vivência do envelhecimento de pessoas trans, é importante destacar as estratégias de enfrentamento desenvolvidas ao longo da vida por essas populações. Corrêa (2024) observa que, para muitas mulheres trans, o envelhecimento é vivido como um processo de resiliência, em que a luta constante contra a transfobia molda suas experiências de vida. A busca por pertencimento e reconhecimento em uma sociedade que as rejeita se torna uma ferramenta essencial para sua sobrevivência, evidenciando que o envelhecimento dessas mulheres é marcado por uma dicotomia entre o sofrimento imposto pela exclusão social e a força adquirida pelas estratégias de adaptação.

As narrativas de preconceito e homofobia variam em intensidade e formas de manifestação, sendo mais ou menos presentes em contextos familiares e escolares. No entanto, a transição de pessoa cisgênero para a identificação como transexuais marca

um ponto de inflexão crucial, tanto do ponto de vista subjetivo quanto material. Esse é o momento em que muitas pessoas são forçadas a deixar suas casas, tornando-se praticamente nômades e, em muitos casos, recorrendo à prostituição como única forma de garantir sua subsistência. As histórias de vida dessas mulheres trans revelam um ciclo contínuo de violência, medo e silenciamento, que permeiam suas existências (Corrêa, 2024).

Os desafios que enfrentam estão interligados e envolvem questões de aceitação social, acesso à educação, inserção no mercado de trabalho, afeto e o próprio processo de envelhecimento. O envelhecimento, em particular, surge como uma preocupação central, associado ao medo de perder características femininas, como os cabelos e os seios, o que pode gerar uma crise profunda de identidade, tanto no sentido de não mais se reconhecer quanto de não ser reconhecida como mulher pelos outros. Além disso, a falta de afeto e o desgaste físico e emocional, agravados por anos de luta por melhores condições de vida, são temas recorrentes nos relatos dessas mulheres. A marginalização e a exclusão social intensificam ainda mais essas dificuldades, criando uma realidade marcada por incertezas e sofrimento contínuo (Corrêa, 2024).

No contexto da sobrevivência social, as mulheres trans participantes do estudo de Gomes et al. (2024) evidenciam claramente isso ao relatarem enfrentar cotidianamente os efeitos da transfobia estrutural, destacando que alcançar a velhice constitui, em si, uma conquista significativa diante das condições adversas vivenciadas. Nota-se que as narrativas sobre o envelhecimento trans são cercados por processos violentos, tornando evidente que as representações da velhice trans são predominantemente negativas e possuem forte impacto na saúde mental e física dessa população. Destaca-se ainda que poucas pessoas transexuais, após uma vida inteira de solidão e abandono familiar, conseguem, na idade mais avançada, a reaproximação de suas famílias e o resgate desses afetos, todavia, tal reaproximação é percebida como fruto da conquista de sucesso e prestígio na vida, o que, em alguma medida, faz com que essas pessoas que as circundam acreditem que somente assim seus familiares as receberiam novamente no seio familiar (Camargo, 2019).

A comparação entre os desafios enfrentados por pessoas trans *versus* outras identidades LGBTQIA+ no processo de envelhecimento revela diferenças substanciais no que diz respeito à saúde mental e física (Salgado et al., 2017). Sabatine (2017) argumenta que o apoio social é um fator de proteção essencial para o envelhecimento saudável, o que é corroborado por Gomes et al. (2024), que ressalta que pessoas trans idosas, quando possuem uma rede de suporte, tendem a relatar menores níveis de estresse e depressão. No entanto, a exclusão de muitos desses indivíduos do círculo familiar e da comunidade social cria um obstáculo para o desenvolvimento de tal apoio, acentuando os efeitos negativos da marginalização.

Além disso, o medo de perder características femininas e de não mais ser reconhecida como mulher ao envelhecer é uma constante nas narrativas das

participantes trans, conforme apontado por Camargo (2019). Esse medo de perder sua identidade de gênero, muitas vezes exacerbado pela falta de apoio médico adequado, reflete a importância de incluir questões de identidade de gênero nas políticas de saúde pública voltadas para idosos. Isso sugere que o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas deve contemplar intervenções mais focadas nas necessidades de pessoas transgêneros, abordando questões como a modificação corporal e a reafirmação da identidade ao longo do envelhecimento.

Nota-se que pessoas transexuais em idade avançada desenvolveram competências e estratégias específicas para a gestão de suas vidas, resultantes de uma trajetória marcada pelo enfrentamento contínuo e, em grande parte, solitário dos desafios impostos pelo contexto social. Entretanto, tais competências são construídas a partir de experiências de intenso sofrimento, uma vez que essas pessoas percebem que, para a sociedade, suas vidas são desvalorizadas e frequentemente tratadas como existências não dignas de serem vividas (Sabatine, 2017).

As implicações clínicas e sociais desses achados apontam para a necessidade de adaptações nas abordagens terapêuticas oferecidas a essas populações. Programas de apoio psicológico, como os grupos de convivência LGBTQIA+, poderiam ser implementados para oferecer suporte específico às pessoas trans que estão envelhecendo, conforme sugerido por Corrêa (2024). Essas intervenções devem levar em consideração as particularidades da trajetória de vida dessas pessoas, incluindo os episódios de discriminação e exclusão social, e buscar formas de promover o envelhecimento ativo e saudável em um ambiente acolhedor e inclusivo. Além disso, vale ressaltar que os achados sugerem que crescer em um ambiente familiar harmonioso contribui para alterar esse panorama negativo do envelhecimento, marcado pelo isolamento social dessa população (Gomes et al., 2024).

Nota-se que o marco etário no que diz respeito ao envelhecimento da população transexual passa pela incongruência do contexto heteronormativo, uma vez que, por conta da sua expectativa de vida no Brasil ser muito inferior à população cisgênero, é possível se referir ao fenômeno do envelhecimento tanto para pessoas trans com menos de 40 anos ou com 50 anos ou mais. Assim, quando se toma como exemplo as instituições de saúde na velhice, os padrões hegemônicos do sistema heteronormativo também são observados. Observa-se na população trans uma inquietação com o envelhecimento, muitas vezes pautada no controle das aparências, visto que elas passaram por uma vida inteira sendo consideradas mercadoria do sexo para muitos, tendo como elementos-chaves das suas existências a valorização erótica e estética dos seus corpos. Assim, é perceptível a adesão a discursos e tratamentos que visam postergar as marcas da idade (Sabatine, 2017).

Ademais, outro aspecto relevante levantado por Sabatine (2017) é o papel que os profissionais de saúde desempenham no bem-estar dessas populações. Muitas

peessoas trans idosas relataram experiências negativas ao buscar atendimento médico, especialmente em serviços de saúde fora da comunidade LGBTQIA+. Isso ressalta a necessidade de sensibilizar esses profissionais quanto às questões de gênero e envelhecimento, visando à criação de ambientes mais seguros e respeitosos. A formação contínua dos profissionais de saúde, com foco na diversidade de gênero, pode ajudar a reduzir as barreiras de acesso e garantir que essas pessoas recebam o cuidado adequado.

Atualmente, o uso do nome social no Brasil é assegurado por lei, sendo garantido no SUS pela Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, que determina que esse nome deve ser respeitado nos serviços de saúde, promovendo um atendimento humanizado e livre de discriminações (Silva et al., 2017). No entanto, um estudo recente de Paiva et al. (2023) apontou que pessoas trans ainda enfrentam muitos obstáculos ao buscar serviços de saúde, como violência e marginalização, incluindo o desrespeito ao seu nome social e a falta de preparo por parte dos profissionais. Além disso, existe uma dificuldade significativa em encontrar médicos endocrinologistas dispostos a acompanhar o tratamento hormonal de modo longitudinal dessa população. O estudo também revelou que alguns médicos se recusam a realizar o acompanhamento e que outros exigem que os usuários assinem um termo de responsabilidade em caso de complicações relacionadas ao uso de hormônios (Paiva et al., 2023).

Nesse sentido, os achados de Paiva et al. (2023) evidenciam que a medicina, em geral, atribui um caráter patologizante à transexualidade e frequentemente desrespeita as identidades de gênero, reconhecendo apenas a identidade vinculada ao sexo biológico designado ao nascimento. Ademais, ressaltam-se as relações estabelecidas entre pessoas transexuais e profissionais de saúde, que muitas vezes percebem suas ações como favores à comunidade, em vez de compreenderem que a prestação de serviços de saúde é um direito fundamental (Paiva et al., 2023). Assim, além da dificuldade em encontrar um profissional para o acompanhamento, o desrespeito e o despreparo dos profissionais de saúde fazem com que pessoas transexuais façam o uso de hormônios por conta própria, se utilizando, muitas vezes, de informações advindas da internet e/ou da própria rede de contatos de outras pessoas transexuais que já fizeram o uso de hormônios para se guiarem na autoaplicação. Entretanto, a hormonização por conta própria pode acarretar uma série de problemas de saúde (Gomes et al., 2024).

Nesse contexto, a população transexual vive em situação de vulnerabilidade no que diz respeito ao cuidado com a saúde, que muitas vezes é inadequadamente prestado ou não realizado. Esse atendimento, marcado pelo desrespeito ao nome social e pelo despreparo dos profissionais ao prestar cuidados a esse público, faz com que as necessidades médicas da população trans não sejam atendidas (Silva et al., 2017). Dessa forma, há muitos tipos de violência sofridos por transexuais no sistema de saúde, como, por exemplo, a falta de conhecimento por parte dos profissionais, o despreparo para a

prática de acolhimento, assim como a falta de políticas públicas para a promoção do bem-estar, levando em consideração suas necessidades de modificação corporal e uso de hormônios (Paiva et al., 2023).

Se para a população transexual em geral os serviços de saúde são precários e contam com profissionais despreparados, a situação se agrava quando visto o envelhecimento dessas pessoas, a uma perspectiva longitudinal. Outros achados de Gomes et al. (2024) sugerem que a transfobia influencia diretamente o bem-estar desse grupo, causando um sentimento de inutilidade gerado pela exclusão, além de deixar marcas e traumas únicos. Essa realidade é acentuada pela falta de políticas públicas específicas que atendam às necessidades da população trans envelhecida, resultando em um acesso limitado a cuidados médicos adequados. Muitos enfrentam dificuldades em encontrar profissionais que não apenas compreendam suas vivências, mas que também respeitem suas identidades e necessidades de saúde. A ausência de suporte psicológico adequado pode intensificar esses sentimentos de inadequação e marginalização, perpetuando um ciclo de sofrimento e exclusão. Dessa forma, é crucial implementar estratégias que promovam a capacitação de profissionais de saúde e a criação de ambientes acolhedores, garantindo que pessoas trans envelhecidas tenham acesso a cuidados dignos e respeitosos (Gomes et al., 2024).

Outrossim, Camargo (2019) enfatiza que o envelhecimento trans deve ser entendido como um processo dinâmico, marcado por uma série de enfrentamentos ao longo da vida. Embora o contexto social hostil imponha inúmeras barreiras, algumas pessoas trans conseguem alcançar um envelhecimento positivo, pautado pela autonomia e pela liberdade. No entanto, esses casos são exceções, sendo necessário que políticas públicas de inclusão e suporte sejam implementadas para garantir que o envelhecimento positivo não seja um privilégio, mas um direito acessível a todas as pessoas trans.

Assim sendo, as preocupações relacionadas ao envelhecimento também perpassam pela saúde da população transexual, sendo a AIDS particularmente um ponto importante das narrativas, posto que ao longo da vida tiveram que lidar com intervenções estigmatizantes. Por outro lado, os desdobramentos de algumas enfermidades possibilitaram o avanço de conquistas e direitos, bem como o desenvolvimento de estratégias de cuidado e prevenção, fruto da epidemia de aids e do engajamento político do movimento LGBTQIA+ nessa causa, o que ampliou o acesso aos serviços de saúde, ainda que não totalmente preparados para questões específicas da população trans (Sabatine, 2017).

Apesar de tais avanços, os estudos desenvolvidos por Sabatine (2017) e Paiva et al. (2023) apontam para desafios e indicadores muito precários acerca do conhecimento e acesso às políticas públicas de saúde dessa população, que passam, cotidianamente por experiências do estigma e da violência, que tomam seus corpos como passíveis de eliminação e de menor importância do que os corpos da população cisgênero. Essa

eliminação pode ser mais ou menos evidente, todavia, não deixa de ser uma realidade, uma vez que a população transexual não dispõe de instituições, cuidadores e redes de apoio de proteção significativas. Assim, a debilidade na saúde, a violência, o uso de drogas, a falta de moradia, entre outros fatores, contribui para um contexto de proteção institucional muito frágil (Benevides, 2025).

Diante dos achados, acredita-se na realização de novos estudos para explorar o tema de modo mais aprofundado, uma vez que, é ainda pouco discutido na sociedade. Os atendimentos realizados por psicólogos e psiquiatras no processo de transição de gênero são práticas profissionais que não vislumbram o cuidado humanizado pautado no princípio da integralidade e da necessidade de construção de vínculos, o que causa um impacto negativo e prejudicial à saúde mental dos usuários e demonstra a necessidade de formação profissional nessa área. Dessa forma, vislumbra-se que a rede formal de cuidados para as pessoas trans apresenta-se limitada e com a presença de profissionais que necessitam ainda de formação e de preparo para lidar com as diversidades (Paiva et al., 2023).

A marginalização social, o isolamento e a falta de políticas públicas inclusivas evidenciam a precariedade com que muitas pessoas trans vivenciam ao longo de sua vida, o que influencia diretamente o seu processo de “envelhecer”. Isso não só impacta sua saúde física e mental, como também limita sua participação ativa na sociedade. Gomes et al. (2024) ressaltam que, sem a implementação de políticas de inclusão, as condições de vida dessas populações continuarão a se deteriorar, resultando em maiores índices de exclusão e marginalização à medida que envelhecem.

É essencial trazer um olhar reflexivo, pautado em evidências científicas, acerca do envelhecimento das pessoas trans, levando em consideração todas as dimensões que os cercam e compreendendo ainda mais seus significados e facetas. Assim, com base nos dados coletados, destaca-se a vulnerabilidade e o abandono das pessoas transexuais no país, restando clara a necessidade de operacionalizar a construção de práticas de políticas públicas com base em novas evidências científicas. A partir disso, é possível pensar em ações práticas que possam beneficiar essa população, que sejam pautadas na promoção da igualdade na sociedade, para acesso adequado à saúde pública por meio, por exemplo, de um protocolo de atendimento específico para pessoas transgênero, com o objetivo de ampliar o acesso à saúde integral (Paiva et al., 2023).

Destaca-se ainda que as práticas em saúde para o envelhecimento da população transexual devem se contrapor ao modelo médico centrado e ao cuidado fragmentado focado nas especialidades, pois a integralidade remete à ideia de compreender as necessidades dos usuários de uma forma mais geral, que considere o contexto em que o indivíduo está inserido. Nesse processo de cuidado e de atendimento às necessidades de saúde dos usuários transexuais, é fundamental a criação de vínculos entre o usuário e o profissional ou entre o usuário e a equipe de saúde que o assiste, o que possibilita a construção de uma relação baseada na confiança (Paiva et al., 2023).

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo identificar e analisar as lacunas e especificidades presentes na psicologia do envelhecimento entre pessoas com identidades de gênero diversas, com ênfase nas experiências de indivíduos transexuais. Considera-se que compreender tais experiências é fundamental não apenas para avançar o conhecimento científico na área, mas também para subsidiar práticas clínicas, políticas públicas e estratégias sociais que reconheçam a pluralidade do envelhecimento humano. Nesse sentido, esta revisão contribui para evidenciar a necessidade de um olhar inclusivo e interseccional, capaz de abarcar os múltiplos desafios enfrentados por pessoas trans ao longo do ciclo vital.

As principais descobertas deste estudo revelam que a diversidade de identidade de gênero impõe desafios únicos durante o processo de envelhecimento, impactando negativamente a saúde mental e o bem-estar geral de pessoas trans e não-binárias. Esses indivíduos enfrentam barreiras significativas no acesso a serviços de saúde e apoio social, que não atendem às suas necessidades específicas, resultando em uma marginalização ainda mais acentuada. A discriminação e a falta de conscientização sobre as experiências de envelhecimento não normativas agravam essa situação, evidenciando a necessidade urgente de uma abordagem inclusiva que reconheça e valide as vivências dessas populações.

As implicações práticas dessa pesquisa são claras: políticas públicas e serviços de saúde devem ser reformulados para incluir explicitamente as questões de gênero ao abordar o envelhecimento LGBTQIA+, com ênfase nas necessidades das populações trans e não-binárias. Além disso, é fundamental que futuras pesquisas sejam realizadas, abrangendo estudos longitudinais e qualitativos que investiguem as experiências de pessoas com identidades de gênero diversas ao longo de suas vidas, especialmente nas fases mais avançadas. Essa abordagem permitirá o desenvolvimento de programas mais eficazes e adequados, promovendo a inclusão e o bem-estar de todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero.

Em relação às limitações encontradas no estudo, destaca-se o número reduzido de pesquisas brasileiras que abordam diretamente o envelhecimento de pessoas trans e não-binárias. Essa escassez pode estar relacionada a fatores estruturais e sociais, como a elevada taxa de violência contra a população trans no Brasil, país que lidera mundialmente os índices de assassinatos dessa população. Tal realidade reduz significativamente a expectativa de vida de pessoas trans, dificultando o acesso à população idosa trans e, conseqüentemente, limitando a produção de pesquisas que contemplem suas experiências de envelhecimento. Soma-se a isso a invisibilidade institucional e acadêmica, que perpetua lacunas no conhecimento científico e na formulação de estratégias de cuidado direcionadas a essa população.

Recomenda-se, portanto, que futuras investigações invistam em estudos longitudinais e qualitativos, capazes de captar com maior precisão as trajetórias de vida e os desafios enfrentados por pessoas com identidades de gênero diversas ao longo do envelhecimento. Esses dados podem subsidiar o desenvolvimento de programas e políticas mais eficazes, orientando práticas de saúde, assistência social e educação que visem à inclusão e ao bem-estar de todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero. Em síntese, esta revisão integrativa oferece subsídios teóricos e práticos relevantes para o campo da psicologia do envelhecimento, ao evidenciar lacunas ainda pouco exploradas e apontar caminhos para a construção de um cuidado mais justo, inclusivo e fundamentado em evidências.

Referências

- Adelman, M., Ajaime, M., Lopes, S. B., Savrasoff, T. (2003). Travestis e transexuais e os outros: identidade e experiências de vida, 4(1), 65-100. <https://doi.org/10.22409/rg.v4i1.238>
- Barrett, C., Whyte, C., Comfort, J., Lyons, A., & Crameri, P. (2015). Social connection, relationships and older lesbian and gay people¹. *Sexual and relationship therapy : journal of the British Association for Sexual and Relationship Therapy*, 30(1), 131-142. <https://doi.org/10.1080/14681994.2014.963983>
- Benevides, B. (2025). *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*. ANTRA.
- Camargo, S. S. S. B. (2019). *Divas, belíssimas e vivas: Memória e envelhecimento entre travestis do sul do Brasil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/194592>
- Corrêa, T. W. (2024). *Os sentidos do envelhecimento: Mulheres transexuais e travestis na cidade de Sorocaba-SP* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/19853>
- Costa, A. B., Paveltchuk, F., Lawrenz, P., Vilanova, F., Borsa, J. C., Damásio, B. F., Habigzang, L. F., Nardi, H. C., & Dunn, T. (2020). Protocolo para Avaliar o Estresse de Minoria em Lésbicas, Gays e Bissexuais. *Psico-usf*, 25(2), 207-222. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250201>
- Costa, A. B., Vilanova, F., Pereira, N. P., Silva, M. M., Fontanari, A. M. V., Lisboa, C. S. de M., ... Guimarães, S. S. (2023). Validade e fidedignidade de um protocolo para avaliar o estresse de minoria em pessoas trans e diversidade de gênero. *Interação Em Psicologia*, 27(2). <https://doi.org/10.5380/riep.v27i2.86308>
- Goldsen, K. I. F., Cook-Daniels, L., Kim, H. J., Erosheva, E. A., Emlet, C. A., Hoy-Ellis, C. P., Goldsen, J., & Muraco, A. (2014). Physical and mental health of transgender older adults: an at-risk and underserved population. *The Gerontologist*, 54(3), 488-500. <https://doi.org/10.1093/geront/gnt021>

- Gomes, L. P. C. et al. (2024). Mujeres transexuales y vejez: representaciones sociales en el contexto de la pandemia. (2024). *LIBERABIT. Revista Peruana De Psicología*, 30(1), e798. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2024.v30n1.798>
- Hajek, A., König, H. H., Blessmann, M., & Grupp, K. (2023). Loneliness and Social Isolation among Transgender and Gender Diverse People. *Healthcare (Basel, Switzerland)*, 11(10), 1517. <https://doi.org/10.3390/healthcare11101517>
- King, A., Almack, K., Suen, Y.-T., & Westwood, S. (Eds.). (2018). Older Lesbian, Gay, Bisexual and Trans People: Minding the Knowledge Gaps (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315628462>
- Paiva, C. R., Farah, B. F., & Duarte, M. J. de O. (2023). A rede de cuidados à saúde para a população transexual. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 33, e33001. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333001>
- Papalia, D. (2021). *Desenvolvimento humano* (14ª ed.). AMGH.
- Sabatine, T. T. (2017). *Só as fortes sobrevivem!: Envelhecimento, experiências geracionais e relacionamento entre travestis mais velhas e mais jovens* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.8.2017.tde-19122017-191733>
- Salgado, A. G. A. T., Araújo, F. L., Santos, J. V. O., Jesus, L. A., Fonseca, L. K. S., & Sampaio, D. S. (2017). Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Ciencias Psicológicas*, 11(2), 155-163.
- Silva, L. K. M., Silva, A. L. M. A., Coelho, A. A., Martiniano, C. S. (2017). Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a assistência prestada a travestis e transexuais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]*, 27(3), 835-846. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300023>.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & de Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer? *Einstein*, 8(1), 102-106.
- Witten T. M. (2014). It's Not All Darkness: Robustness, Resilience, and Successful Transgender Aging. *LGBT health*, 1(1), 24-33. <https://doi.org/10.1089/lgbt.2013.0017>